

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Presidente do Conselho

MANOEL FRANCISCO BRITO — Diretor Presidente

ROSENAL CALMON ALVES — Diretor

WILSON FIGUEIREDO — Diretor de Redação

DACIO MALTA — Editor

MERVAL PEREIRA — Editor Executivo

ORIVALDO PERIN — Secretário de Redação

O Brasil Subterrâneo

Guerras de quadrilhas, armas sofisticadíssimas, desmonte de carros roubados, jogo do bicho que funciona com piloto automático, apesar da prisão dos chefões, expansão de uma economia informal poderosa — tudo se encaminha, no Brasil, para o crescimento irresistível de um país paralelo que se sobrepõe ao país oficial. A característica deste Brasil subterrâneo é que ele funciona talvez melhor do que o outro.

Tudo o que devia funcionar no Brasil, suas instituições, seu governo, não funciona. Em compensação, tudo o que é ilegal e criminal funciona, com o poder avassalador da corrupção, da sonegação e da violência.

O crime organizado é a faceta mais visível desta distorção que puxa o país para trás. Tendo como ponto mais alto o jogo do bicho, que é um modelo de organização mafiosa, atualmente todas as pontas da corrupção e da violência se juntam em núcleos cada vez mais convergentes.

As duas maiores metrópoles brasileiras, São Paulo e Rio, ainda não são a Chicago dos anos 40, infestada de gângsteres de ternos escuros, ar sombrio e uma metralhadora sempre pronta a cuspir rajadas de balas cada vez que um negócio é ameaçado por quadrilhas rivais ou pela polícia. Mas o crime organizado é um fato no Brasil e os grandes chefões sequer se escondem.

Pelo contrário, cuidam da imagem aparecendo na televisão, financiando o carnaval e o futebol, distribuindo pequenas benesses para enganar a porção crédula da população, e, enquanto na superfície são cultuados como assistencialistas, no subterrâneo põem em movimento uma justiça paralela que prende, julga e mata em questão de horas, com uma eficiência que nada fica a dever aos grandes regimes autoritários.

A economia informal não raro dá o braço à criminalidade. Ambas têm o mesmo perfil e crescem à medida que a economia formal e o país se desorganizam. A criminalidade sempre aumenta quando se cria uma rede de receptação e comercialização do produto do roubo, através de camelôs, robauto, oficinas clandestinas e comércio de ouro.

A nova geração se sente atraída por estes meios fáceis e rápidos de ganhar dinheiro. Jovens se aliam a quadrilhas nas quais, no entanto, são geralmente mal-remunerados. A vingança sem li-

mites, as execuções sumárias, os morticínios decorrentes de ajustes entre quadrilhas — tudo isto é uma exigência da própria sociedade autoritária. No rastro dos grupos de extermínio existe um grande número de vítimas inocentes, principalmente nas favelas utilizadas como cenário natural do crime organizado.

Mas o Brasil subterrâneo não é só o do crime e da violência. Há uma quantidade cada vez maior de pessoas que não pagam impostos, de confecções de fundo de quintal que jamais mandaram um cheque à Previdência e de profissionais liberais que cobram suas contas sem recibo mediante pequeno desconto. A economia informal é um mundo ambíguo que vai do artesanato ao contrabando descarado, não reconhece o governo, não dá nota fiscal, não paga impostos, não registra empregados e não consta de qualquer estatística oficial.

No final dos anos 80 o Brasil parou de crescer. Foi a senha para a expansão da economia informal e de seu subproduto mais ostensivo, a criminalidade. O tamanho da economia informal é assombroso, abrangendo praticamente metade da população economicamente ativa do país, de 55 milhões de pessoas. Há quem aponte a Itália e a Alemanha como exemplos de países que cresceram à custa da economia informal, mas como o Brasil é habitado por brasileiros, e não por italianos ou alemães, acabará se tornando a primeira vítima de sua economia invisível. Na franja dela se locomove uma multidão que simplesmente sonega impostos, enquanto o Estado se caracteriza como devorador faminto de recursos para alimentar uma máquina burocrática ciosa de direitos, mas descuidada dos deveres.

A economia informal cresce à proporção que a economia oficial caminha para a desorganização, da mesma forma que o crime organizado se avança sempre que os mecanismos de controle social e policial se relaxam. A sociedade paga caro pela sua benevolência em relação à violência e à corrupção. As próprias prisões são hoje inúteis como instrumentos de inibição dos crimes, pois é de lá que alguns chefões mexem os cordéis de suas organizações, indiferentes ao clamor público e até com a conivência de um sistema penitenciário corrompido e da parte da polícia que afinal se transformou num dos próprios elos do crime organizado.